

O MOSTEIRO DE SAN LORENZO EL REAL DEL ESCORIAL E A MEMÓRIA DAS GLÓRIAS MILITARES DA ESPANHA DE FELIPE II (1527-1598).

Camila Cristina Souza Lima¹

Felipe II não permitiu que se escrevesse sobre seu reinado enquanto ainda vivia, mas favorecia a escrita da História Medieval dos Reinos Ibéricos por parte de seus cronistas, reforçando o tema da Reconquista que, segundo Kagan² era sua forma de valorizar a vitória em Lepanto, barrando o avanço muçulmano turco em direção à Europa. A postura de evitar a memória escrita de suas glórias presentes ao mesmo tempo reforçava a imagem de modéstia do rei, mas dava espaço para a 'Legenda Negra', alimentada pelas críticas internas de seus adversários políticos e o discurso externo dos protestantes. Poucos anos após a morte do monarca, nos princípios do século XVII, os historiadores passaram a dissipar essa imagem negativa e a escrever sobre seus feitos, sobretudo como exemplo aos seus sucessores³.

Porém, ainda que discurso escrito sobre seu tempo não tenha sido incentivado, a monarquia se valia de outros instrumentos para propagar sua imagem. Como bem aponta Bouza Álvares⁴, os Habsburgos espanhóis utilizavam-se das festas, intervenções nas cidades, iniciativas na arquitetura, nas artes em geral, panfletos, que tinham por função conquistar a adesão de seus diferentes súditos por forças não violentas. Dessa forma, a edificação do Escorial foi peça dessa propaganda política de Felipe II, de seu discurso de

¹ Doutora em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU/USP.

² KAGAN, Richard L. Clío y la corona: escribir historia en la *España* de los Austrias. In: KAGAN, Richard L.; PARKER, Geoffrey (eds.). *España, Europa y El mundo Atlántico. Homemaje a John H. Elliott. Trad. Lucia Blasco Mayor y Maria Condor. Madrid: Marcial Pons, 2001, 1ª ed., pp.113-147.*

³ GARCÍA CÁRCEL, Ricardo. *Felipe II y los historiadores del siglo XVII*. In: BENASSAR PERILLIER, Bartolomé... [et al.]. *Vivir El siglo de oro: poder, cultura e historia en la época moderna. Estudios en homenaje al profesor Ángel Rodríguez Sánchez*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2003 (1ª Ed.), pp.285-316.

⁴ BOUZA ALVARES, F. *Imagen y Propaganda*. Capítulos de História Cultural del Reinado de Felipe II. Madrid: Akal, 1998.

poder aos seus contemporâneos e guardião da memória de seu reinado e da missão da Monarquia Hispânica de defesa da fé Católica, sendo que as glórias militares do rei foram lembradas nesse edifício, sendo apresentadas em conformidade com a escrita da História de alguns importantes autores que conviveram com Felipe II, mas escreveram apenas após sua morte.

Um importante autor que acompanhou as obras do Escorial e publicou seus textos após a morte de Felipe II será o nosso guia nessas páginas para traçar algumas considerações sobre a maneira como as vitórias militares desse governante são apresentadas no Monastério de San Lorenzo El Real del Escorial: Luiz Cabrera de Córdoba.

Luis Cabrera de Córdoba foi um nobre espanhol, mais conhecido como historiador, membro de uma família dedicada especialmente às armas. Nasceu em Madrid, em 1559, filho de um importante servidor de Felipe II, responsáveis pelo pagamento dos trabalhadores envolvidos na construção do Escorial. Em 1584, Luis Cabrera vivia em Nápoles, com o Duque de Osuna, mas retornou a Espanha para dar notícias ao rei sobre um tumulto que ocorrera em Nápoles em 1585, quando visitou Escorial. Foi uma espécie de embaixador do rei, tendo falecido em 1623, com 64 anos. Devido aos seus serviços para a monarquia tinha acesso aos papéis do Estado, fontes de suas obras. Três obras suas serão consideradas em especial nestas páginas: o poema *Laurentina, Historia para entenderla e escribirla* e, sobretudo, *a Felipe II, Rey de España*.

O poema *Laurentina*, um canto a São Lourenço, santo homenageado no Monastério de San Lorenzo El Real del Escorial, não se conservou em sua totalidade e permaneceu inédito até a década de 1970. Em seus versos o autor expressava o desejo de cantar as vitórias dos reis ibéricos apresentando o Escorial como a imagem visível desse poder em seu ápice com Felipe II. Sabemos que o poema foi escrito após 1580, pois menciona a União das Coroas Ibéricas e incorpora o passado português para engrossar o peso da tradição dos monarcas peninsulares como defensores da fé católica, lembrando os antigos reis de cada um desses territórios que formavam a Monarquia Hispânica de Felipe II. O autor se ocupa de apresentar as grandezas do passado, de lembrar os principais inimigos da fé naquele momento (protestantes a norte e muçulmanos a leste) e apresenta a planta do Escorial como grelha de martírio de São Lourenço, reforçando a imagem de luta pela fé até suas últimas consequências.

O primeiro e principal motivo apresentado para a fundação do Escorial nesse poema é a celebração da vitória de Felipe II contra a França em San Quintin, lembrando a coincidência do dia da batalha, primeira vitória de Felipe II como rei, com a festa de São Lourenço, mártir espanhol. O argumento do costume dos

antigos de eternizar as vitórias com celebrações aparece tanto na *Laurentina*, como sua obra sobre a História de Felipe II⁵.

O edifício era a celebração da paz conquistada a partir dessa batalha e era também exemplo para os inimigos da fé de Felipe II. A riqueza expressa no edifício, como uma fortaleza imponente, deveria servir de exemplo aos protestantes e muçulmanos enfrentados pela Monarquia Hispânica da força da fé e da providência agindo em favor de Felipe II em sua missão⁶.

A descrição do edifício não é extensivamente apresentada pelo autor nesse poema, que menciona a relação do mosteiro com o templo de Salomão, que aparece de forma retórica para demonstrar a grandiosidade e como metáfora de edifício feito por um rei pela Glória Divina⁷.

O edifício em si é marcado em sua primeira imagem àqueles que o visitam pela visão da estátua de São Lourenço, que retoma a memória do santo espanhol e da vitória na França. Após adentrar essa entrada principal, se caminha por um pequeno pátio que se coloca como uma área de transição entre o exterior e o templo. Esse espaço é chamado de *Pátio de los Reyes*, pois é marcado pela fachada do templo coroada pelas estátuas dos reis do Antigo Testamento, que foram realizadas, assim como a estátua de São Lourenço, por Juan Bautista de Monegro. São representados Josafat, Ezequias, Davi, Salomão, Josias e Manassés, respectivamente. A escolha desses reis está relacionada às realizações que fizeram no Templo de Jerusalém.

Em sua obra *Felipe II, Rey de España*, Cabrera de Córdoba aponta as motivações para a edificação do monastério do Monastério de *San Lorenzo el Real del Escorial*. Era local de sepultamento de Carlos V, do próprio Felipe II e dos demais descendentes da monarquia espanhola, sendo ainda hoje a última morada dos reis espanhóis. Era também a imagem da luta contra as heresias, do papel da Monarquia Hispânica ao lado do papado para a defesa da fé católica, o que se reverteria nos sinais divinos de apoio à Casa Real⁸.

⁵ “Solía antiguamente celebrarse / el día, en que se obtuvo o gran victoria, / o cosa digna bien de eternicarse, / y hacer en cada un año su memoria, / para que así, viniendo a renovarse, / no fuese como muchas transitoria, / que, acabado su efecto, se acabaron / Y en el perpetuo olvido se quedaron.”

CABRERA DE CORDOBA, Luis (1559-1623). *Laurentina*. Edición de Lucrecio Perez Blanco. [s.l.]: Biblioteca Ciudad de Dios, 1975, p.102.

⁶ “Si entrásedes en este templo santo, / que por El gran Felipe se ha fundado, / amor os causaría y grande espanto, / el verle de mil joyas adornado / y más su celestial y sacro canto / con que el Señor del Cielo es alabado, / y sus misterios grandes celestiales, / y de todos su santos inmortales.”

Ibid, p.132.

⁷ Ora fuese con este pensamiento, / o que por accidente es retratada / la parrilla furiosa del tormento, / do la inocente carne fue abrasada, / las torres con su grave fundamento / forman los pies, la red despiadada / los patios, e su cuerpo del hispano / la tercia parte y templo soberano.

Ibdi, p.150.

⁸ CABRERA DE CORDOBA, Luis. *Filipe Segundo*, Rey de España. Madrid: Imprenta, Estereotipia y Galvanoplastia de Aribauy C^a, 1876-1877, Tomo I, p.371.

A providência divina é o motor dessa História de Felipe II de Cabrera de Córdoba. Ainda que as vitórias militares glorifiquem os reis, e por isso os relatos de guerra ocupem a maior parte da obra de Cabrera de Córdoba sobre Felipe II, são justificadas pela providência divina.

Cabrera dá especial atenção à sucessão ao trono português. A incorporação de Portugal na Monarquia Hispânica representava a restauração da unidade peninsular que teria sido quebrada nas invasões muçulmanas. A unidade física-geográfica também era a unidade religiosa no passado visigótico e no presente de Felipe II como rei cristão católico. Nesse sentido, a União das Coroas Ibéricas engrandece o papel de seu monarca como aquele que deve guiar seu povo, que deve cuidar da boa observância da religião católica mantida pelos reinos ibéricos no contexto das Reformas Protestantes, pois além de cuidar da preservação dessa fé na Europa, Felipe II colocava-se como um grande continuador da missão dos apóstolos de levar a palavra ao mundo, pois tinha sob sua coordenação um império, como lembrado por Sigüenza, em que o sol nunca se punha.

A importância da memória dessas vitórias no Escorial era tamanha que Cabrera inclusive chama o monastério de *San Lorenzo el Real de la Vitoria*. Da mesma forma, dentro do Escorial, justamente no espaço em que o rei receberia seus convidados, como embaixadores de outros reinos, há uma galeria que faz parte do modesto palácio do rei dentro do monastério cujas paredes são pintadas com cenas de batalhas que deveriam ser lembradas.

É interessante ressaltar que na concepção de História de Cabrera de Córdoba, definida como “narracion de verdades por hombre sábio, para enseñar bien vivir”⁹, o conhecimento do passado era matéria de príncipes, que deveriam se instruir na arte de bem governar, aprendendo com os acontecimentos do passado: “[A História é] vida de la memoria, maestra de la vida, anunciadora de la antigüedad, *preparaciõ importante para los actos políticos* [grifo nosso], que haze cautso con los peligros, y con los sucessos agenos seguros.”¹⁰

A História permitia ao príncipe conhecer como tinham agido os antigos governantes e imitá-los no que convinha¹¹. A nobreza da disciplina vinha de sua finalidade e destinatário: “Es noble por la dignidade de

⁹ CABRERA DE CÓRDOBA, L. *Historia para entenderla e escribirla*. Madrid: Luis Sanchez, 1611, fol. 11f.

¹⁰ Ibid, Fol.5v.

¹¹ “Uno de los médios mas importantes para alcançar la prudência tan necessária al Principe em el arte del Reynar, es el conocimiento de las historias. Dã noticia de las cosas hechas, por quien se ordenan las venideras, y assi para las consultas son utilíssimas. El que mira la historia de los antiguos tempos atentamente, y lo que enseñan guarda, tiene luz para las cosas futuras, pues una misma manera de mundo es toda.”

Ibid, fol. 1v.

“La imitaciõ buena maestra enseña la historia; y si la naturaleza, el artificio, y el exercicio valen mucho para la perfeccion de las cosas; sin comparacion es mayor el provecho que de la imitacion se recibe.”

Ibid, fol. 1v.

quien la usa, pues son Principes, Emperadores, Reyes, Gobernadores de Republicas, y Capitanes, a quienes por la imitaciõ es necessaria.”¹²

Nesse sentido, era adequada a escolha de pintar as batalhas dentro do Palácio Real que fora realizado abraçando a cabeceira do altar mor do templo do Escorial. Esse palácio era composto por aposentos para o rei e para a rainha, que eram usados pelos filhos de Felipe II depois que ele ficou viúvo pela última vez. Além desses quartos haviam galerias, sendo uma dessas o local que recebia visitantes, entre eles príncipes e diplomatas de outros reinos. Era uma porção relativamente mais aberta a visitantes que vinham ao Escorial para tratar de questões políticas, espaço utilizado para passeios cobertos e recepções solenes. Essa galeria sul do palácio é identificada por muitos nomes, mas hoje é mais conhecida como a Sala de Batalhas¹³. Esse espaço era decorado com imagens dignas de memória e que serviriam para comunicar aos seus visitantes as glórias do passado e do presente da Monarquia Hispânica. Esses visitantes eram do mesmo tipo de destinatário apresentado por Cabrera e Córdoba para a escrita da História.

As paredes da Sala de Batalhas foram pintadas pelos artistas genoveses ao serviço do rei: Niccolò Granello, Fabrizio Castello, Orazio Cambiaso y Lazzaro Tavarone¹⁴. A outra grande galeria que compunha esse palácio, a galeria oriental, chamada ‘das infantas’ recebeu ornamentação com temática religiosa e moralizante, com pinturas de Hieronymus Bosch¹⁵.

Outros palácios de Felipe II também receberam em sua decoração imagem de exaltação dos feitos militares do monarca e de seus antecessores. O Alcázar de Madrid tinha pinturas murais com representações das vitórias de Carlos V sobre os príncipes protestantes, bem como representações da Batalha de San Quintin. O Palácio de El Pardo tinha oito quadros com representação da tomada do duque de Saxônia por Carlos V. A decoração com temática militar em palácio era comum também em outros reinos, como França, Escócia e Inglaterra.

Na Sala de Batalhas do Escorial, na parede meridional, é representada a batalha de ‘La Higuera’, vitória de Juan II de Castela contra os muçulmanos na península em 1431, e na parede oposta, entre as janelas, foram retratados nove episódios da batalha de Felipe II contra a França, com representações da Batalha de San Quintin, e batalhas marítimas nos Açores para consolidação da sucessão ao reino de

¹² Ibid, fol. 5v.

¹³ JAVIER CAMPOS Y FERNÁNDEZ DE SEVILLA, F. *Los frescos de la Sala de Batallas*. In: idem (coord.). *El Monasterio del Escorial y la pintura: actas del Simposium, 1/5-IX-2001, 2001*, págs. 165-210.

¹⁴ GARCÍA-FRÍAS CHECA, C. *Artistas genoveses en la pintura decorativa de grutescos del monasterio de San Lorenzo de El Escorial*. In: COLOMER, J. L.; BOCCARDO, P.; DI FABIO, Cl. (dirs.). *España y Génova: obras, artistas y coleccionistas*. Madrid: Fundación Carolina, 2003, págs.113-128.

¹⁵ GARCÍA-FRÍAS CHECA, C. *Las series de batallas del Real Monasterio de San Lorenzo de El Escorial. Frescos y pinturas*. in: GARCÍA GARCÍA, B. J. (coord.). *La imagen de la guerra en el arte de los antiguos Países Bajos*. Madrid: Fundación Carlos de Amberes, 2006, págs.135-170.

Portugal. Essas pinturas começaram a ser realizadas em 1587, sendo a Batalha de la Higuera a primeira a ser contratada.

Nicollò Ganello, Fabrizio Castello, Lazzaro Tavarone e Orazio Cambiaso participaram da realização do afresco da Batalha de la Higuera, campanha militar liderada por Juan II de Castela, da dinastia Trastámara, que foi parte importante do avanço cristão frente aos muçulmanos em Granada, ocorrendo em 1431¹⁶.

O modelo para a pintura da Batalha de la Higuera era uma antiga pintura em claro-escuro encontrado nas arcas do Alcázar de Segóvia e levada ao Escorial em 1581. Os pintores estavam obrigados por contrato a seguir o modelo dado, retratando os trajes e armas exatamente como o apresentado no desenho indicado como padrão¹⁷. É possível que o pintor do mencionado modelo tenha sido uma testemunha ocular da batalha a serviço de Juan II.

Os modelos para as pinturas das batalhas contra França foram os desenhos de Rodrigo Diriksen (conhecido como Rodrigo de Holanda), genro do pintor flamenco Antoon van den Wijngaerde. Provavelmente Diriksen baseou-se nos desenhos de seu sogro, que foi responsável por registrar algumas campanhas de Carlos V e Felipe II a mando desses monarcas. Ou seja, tanto para a Batalha de la Higuera como para as batalhas contra a França havia a preocupação de registro histórico e de apego às imagens produzidas pelas testemunhas oculares.

A escolha das cenas de batalha que seriam retratadas dentro da Casa Real do Escorial é bastante coerente, sendo a maior parte dos conflitos apresentados ocorrerem durante o reinado de Felipe. A Batalha de la Higuera apresenta a defesa da Cristandade contra o Islã, reforçando a imagem que estava na origem desses reinos ibéricos com as Guerras de Reconquista e o papel de Felipe II naquele momento de lutar contra os muçulmanos que avançavam em direção à Europa em Lepanto. Em relação à França, a Batalha de San Quintin era uma disputa territorial herdado de seu pai, que também expressava uma disputa pelo protagonismo de dois reinos que se justificavam pela Fé Católica em um contexto de quebra da unidade cristã europeia. A grandiosidade dos dois reinos, o quanto poderiam abrir seus tentáculos de influência e controle de outros territórios e como justificavam muitas de suas ações políticas como legítimas pelo papel que desempenhavam junto ao papado estão expressas e valorizadas por Felipe II na Batalha de San Quintin,

¹⁶ NIETO SORIA, J. M. (2010). *El ciclo ceremonial de la batalla de La Higuera (1431)*. In: *Estudios de Historia de España*, 12(2). Disponible en: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/ciclo-ceremonial-batalla-la-higuera.pdf>. Consulta em 25/08/2017.

¹⁷ GARCÍA-FRÍAS CHECA, C. *Las series de batallas del Real Monasterio de San Lorenzo de El Escorial. Frescos y pinturas*. in: GARCÍA GARCÍA, B. J. (coord.). *La imagen de la guerra en el arte de los antiguos Países Bajos*. Madrid: Fundación Carlos de Amberes, 2006, págs.135-170.da a.

que coloca a Espanha em um momento de vantagem em relação ao rei francês como defensor da Cristandade e de reino favorecido pela providência divina.

Por fim, as disputas nos Açores, local onde se refugiou Dom António, um dos pretendentes ao trono português que teve maior apoio em suas ambições de se tornar o novo monarca após a morte de D. Sebastião e D. Henrique, o cardeal que sucedeu o jovem rei desaparecido no norte da África em 1578. Felipe II subiu ao trono lusitano após apresentar a justificativa jurídica de seu direito ao trono como tio de D. Sebastião, neto de D. Manuel I, bem como teve apoio da nobreza através do auxílio financeiro dado para se resgatar os nobres aprisionados após a derrota de Alcácer Quibir e iniciou uma guerra de conquista para garantir seus direitos após a morte do cardeal D. Henrique. Após todos esses esforços, as lutas continuaram em batalhas navais nos Açores, onde D. António conseguia resistir. Com a incorporação de Portugal à Monarquia Hispânica, monarquia compósita, em que cada um dos reinos peninsulares chefiados por Felipe II mantinham sua independência, leis, língua, contumes, etc., mas se uniam na imagem de um território cristão aliado ao papado, toda península ibérica passou a ter o mesmo monarca. Com Portugal se retomava a unidade peninsular, pois a herança de Portugal o monarca unia todos os reinos que tinham como justificativa ideológica de suas formações a Reconquista e que colocavam a luta contra o muçulmano como parte da missão de seus reinos. Tal missão de origem fora acrescida pela expansão ultramarina, processo também compartilhado entre Portugal e Castela, que colocava esses reinos como multiplicadores do mundo cristão em suas colônias através da missão evangelizadora.

As imagens, assim como a História escrita, podiam ser utilizadas para ensinar aqueles que a viam pelo exemplo, sejam eles os visitantes em tempos de Felipe II, sejam os sucessores do monarca, reforçando a função de guardar a memória para ensinar a bem governar, como indicava Cabrera. Dessa forma, a escolha do local de menor apelo religioso permitia que tal temática fosse decorosa, ainda que a proximidade da Casa Real com o altar-mor do Templo não deixasse escapar a mensagem de que aquele reinado e aqueles feitos só eram possíveis pela providência divina, discurso explícito também nos escritos de Siguenza e Cabrera.

Dessa forma, o Monastério de San Lorenzo el Real del Escorial se apresentava como guardião da memória do passado que era convenientemente escolhido para exaltar os feitos presentes. A grandiosidade do edifício era suporte eficaz para a mensagem de defesa da fé daqueles reinos governados por Felipe II, direcionada a um número seletivo de súditos e de visitantes estrangeiros, que poderiam se maravilhar dessa obra arquitetônica e política de um monarca a ser admirado e temido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUZA ALVARES, F. *Imagen y Propaganda*. Capítulos de História Cultural del Reinado de Felipe II. Madrid: Akal, 1998. BOUZA ALVARES, F. *Imagen y Propaganda*. Capítulos de História Cultural del Reinado de Felipe II. Madrid: Akal, 1998.

BOUZA ALVARES, F. e SANTIAGO, E. *Grabar la Historia. Grabar en la Historia* OLLERO, J. (ed.). *Los Austrias*. Grabados de la Biblioteca Nacional. Madrid: Biblioteca Nacional, 1993.

CABRERA DE CORDOBA, L. (1559-1623). *Laurentina*. Edición de Lucrecio Perez Blanco. [s.l.]: Biblioteca Ciudad de Dios, 1975.

_____. *Historia para entenderla e escribirla*. Madrid: Luis Sanchez, 1611.

_____. *Filipe Segundo, Rey de España*. Madrid: Imprenta, Estereotipia y Galvanoplastia de Aribauy Cª, 1876-1877. Copia digital. Valladolid: Junta de Castilla y León. Consejería de Cultura y Turismo, 2009-2010. Disponível em:

<https://bibliotecadigital.jcyl.es/es/consulta/registro.cmd?id=4126>

CERVERA VERA, L. (1954). *Las estampas y el Sumario de El Escorial por Juan de Herrera*. Madrid: Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid/ COAM, 1998, p.34-35.

GARCÍA CÁRCEL, R. *Felipe II y los historiadores del siglo XVII*. In: BENNASSAR PERILLIER, B... [et al.]. *Vivir El siglo de oro: poder, cultura e historia en la época moderna*. Estudios en homenaje al profesor Ángel Rodríguez Sánchez. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2003 (1ª Ed.), pp.285-316.

GARCÍA-FRÍAS CHECA, C. *Artistas genoveses en la pintura decorativa de grutescos del monasterio de San Lorenzo de El Escorial*. In: COLOMER, J. L.; BOCCARDO, P.; DI FABIO, CL. (dirs.). *España y Génova: obras, artistas y coleccionistas*. Madrid: Fundación Carolina, 2003, págs.113-128.

GARCÍA-FRÍAS CHECA, C. *Las series de batallas del Real Monasterio de San Lorenzo de El Escorial. Frescos y pinturas*. in: GARCÍA GARCÍA, B. J. (coord.). *La imagen de la guerra en el arte de los antiguos Países Bajos*. Madrid: Fundación Carlos de Amberes, 2006, págs.135-170.

JAVIER CAMPOS Y FERNÁNDEZ DE SEVILLA, F. *Los frescos de la Sala de Batallas*. In: idem (coord.). *El Monasterio del Escorial y la pintura: actas del Simposium, 1/5-IX-2001, 2001*, págs. 165-210.

KAGAN, R. L. *Clío y la corona: escribir historia en la España de los Austrias*. In: KAGAN, R. L.; PARKER, G. (eds.). *España, Europa y El mundo Atlántico. Homemaje a John H. Elliott. Trad. Lucia Blasco Mayor y Maria Condor*. Madrid: Marcial Pons, 2001, 1ª ed., pp.113-147.

NIETO SORIA, J. M. (2010). *El ciclo ceremonial de la batalla de La Higuera (1431)*. In: *Estudios de Historia de España*. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/ciclo-ceremonial-batalla-la-higueruela.pdf> Acesso em 25/08/2017.

PARKER, G. *Felipe II. (1979/1991)*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.